

THOMAS KENNERLY WOLFE - o jornalismo literário

Nascimento: 2 de março de 1930, [Richmond, Virgínia, EUA](#)

Falecimento: 14 de maio de 2018, [Manhattan, Nova Iorque, EUA](#)

Tom Wolfe foi um dos fundadores do *new journalism*, escola jornalística que tinha como característica a aproximação com a literatura – e como expoentes, nomes como Gay Talese, Truman Capote e Norman Mailer.

Aceito na prestigiosa Universidade de Princeton, preferiu a Universidade Washington & Lee para permanecer perto dos pais, antes de partir para Yale, seguindo o conselho de seus professores.

Formado em civilização americana, começou no jornalismo no Springfield Union, um jornal de Massachusetts, em 1956. Dois anos depois, ingressou no The Washington Post como correspondente em Havana, e depois na capital americana.

Pediu demissão em 1962 e se mudou para Nova York para trabalhar como freelancer. Foi enviado para a Califórnia pela revista Esquire para fazer uma reportagem sobre os fãs de automóveis que reconstróem seus carros.

Entusiasmado pelo tema, sofreu com a "síndrome da página em branco" quando precisou escrever a matéria. O chefe de redação da Esquire pediu-lhe, então, que descrevesse em uma carta o que viu para poder usar como matéria-prima.

Livre da pressão, escreveu 49 páginas... E encontrou seu estilo.

A reportagem acabou virando um romance curto, intitulado "The Kandy-Kolored Tangerine-Flake Streamline Baby", de 1965. O livro conta com uma apresentação dos personagens, uma multiplicidade de pontos de vista, trechos de diálogos intercalados entre as descrições, onomatopeias e muitas exclamações.

Estava lançada sua carreira de escritor. Dezoito meses depois, virou a figura central do "novo jornalismo", um gênero híbrido sob o qual se encontravam mais ou menos ao seu agrado Hunter S. Thompson, Norman Mailer e Truman Capote.

"O homem do terno branco" ficou famoso naquelas ruas. Observador que não perdoava seus observados, contou como era o circo da vida dos ricos da cidade. Contava de um jeito diferente do que se fazia até então. Ajudou a criar o que depois ficaria conhecido como o novo jornalismo.

Numa entrevista à repórter Mônica Sanches, em 2005, no Rio, disse gostava de Graciliano Ramos e Jorge Amado, e contou que um dos objetivos dele era fazer com que jovens se dedicassem mais à leitura.

Tom Wolfe tinha um ritual sagrado: todos os dias ele se arrumava, sentava em frente da máquina de escrever e tinha que escrever dez páginas. Não importa se ia levar três horas, e estaria livre, ou 12 horas e o problema era dele. O resto das horas, ele se dedicava à vida real.

Ele dizia: "Todo tipo de escritor tem que levantar da mesa - pelo amor de Deus - e descobrir coisas sobre as quais não sabe nada".

Para o escritor e jornalista, havia quatro premissas básicas para escrever, de forma vívida, um relato realista: "Construir um texto, cena por cena, como uma novela; usar a maior quantidade de diálogos possíveis; concentrar-se nos detalhes para definir os personagens; e adotar um ponto de vista para contar uma história".

Para além do estilo, seu trabalho se apoiou sempre em uma pesquisa metódica e em horas de entrevistas.

Quando, aos 57 anos, decidiu se lançar na ficção, manteve intactos seus métodos de pesquisa. Seu primeiro romance, "A Fogueira das Vaidades" (1987), é um retrato hiperrealista e ácido da Nova York

dos anos 1980: o protagonista, um jovem e ambicioso banqueiro de Wall Street que parece ter tudo, atropela com seu carro luxuoso um afro-americano no Bronx, foge e seu mundo começa a desabar.

Wolfe não escondia sua admiração pelo romance realista francês, particularmente por Émile Zola devido à sua "aproximação jornalística do tema e de sua integridade".

Em 2016, aos 85 anos, mostrava que não tinha perdido a rapidez mental com um novo livro, "O Reino da Fala", um ensaio que celebra a importância da linguagem nas realizações humanas, no qual trata do surgimento da linguagem – e desafia a hegemonia do pensamento de Charles Darwin e Noam Chomsky sobre o assunto.

No livro, de forma humorística, Wolfe apresenta a teoria da evolução das espécies como uma “mera hipótese científica” e defende que a linguagem não teria relações com a evolução biológica do homem.

Casado desde 1978 com Sheila Berger, diretora artística da revista Harper's, e pai de dois filhos, levava uma vida discreta em Manhattan, longe dos escândalos que povoaram seus romances.